

# Revista de Comunicação Científica: RCC



# ARTIGO

## **BÁI MÁNA GEJEWU: LUGAR DE VIDA SOCIOCULTURAL E ESPIRITUAL BÓE BORORO**

*Bái Mána Gejewu: place of sociocultural and spiritual life  
Bóe Bororo*

*Bái Mána Gejewu: lugar de vida sociocultural y espiritual  
Bóe Bororo*

Benedito Pereira Júnior

Mestrando do Programa de Pós Graduação  
*Scrito Sensu* Mestrado Profissional em Ensino e  
Contexto Indígena Intercultural - UNEMAT.

E-mail: ditinhobeneditopereirajunior@gmail.com

Maria Aparecida Rezende

Professora Dra. do PPGEII - Programa de Pós  
Graduação Scrito Mestrado Profissional em  
Ensino e Contexto Indígena Intercultural e  
professora da Faculdade de Educação da UFMT.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8194-2443>

E-mail: rezemelo@gmail.com

Como citar este artigo:

PEREIRA JÚNIOR, Benedito & REZENDE, Maria  
Aparecida. *Bái Mána Gejewu: lugar de vida  
sociocultural e espiritual Bóe Bororo* In **Revista  
de Comunicação Científica** – RCC, Jan./Maio,  
Vol. I, n. 7, pgs. 11-20, 2021. ISSN 2525-670X.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume I, número 7 (2021)

ISSN 2525-670X

## **BÁI MÁNA GEJEWU: LUGAR DE VIDA SOCIOCULTURAL E ESPIRITUAL BÓE BORORO**

*Bái Mána Gejewu: place of sociocultural and spiritual life Bóe Bororo*

*Bái Mána Gejewu: lugar de vida sociocultural y espiritual Bóe Bororo*

### **Resumo**

O texto é parte do projeto de pesquisa de Mestrado e destaca a importância do *Bái mána gejewu*, mais conhecido como *báito*, no passado era a casa dos homens, o lugar da educação dos jovens do sexo masculino. Outra função dele era e é a religiosidade – o espaço das cerimônias religiosas e festivas da Comunidade. As relações interétnicas afetaram os jovens quanto aos seus conhecimentos sobre as funções e significados que o *Bái mána gejewu* encerra em si mesmo e a sua importância para a vida psicossocial das pessoas *Bóe*. Um dos motivos é o deslocamento de lugar do processo educacional *Bóe Bororo* passando do *Báito* para a Escola.

**Palavras-chave:** *Bái mána gejewu*, Educação escolar, Educação *Boe*.

### **Abstract**

The text is part of the Master's research project and highlights the importance of *Bái mána gejewu*, better known as *báito*, in the past it was the home of men, the place of education for young men. Another function of it was and is religiosity - the space for religious and festive ceremonies in the Community. Interethnic relations affected young people in terms of their knowledge of the functions and meanings that the *Bái mána gejewu* contains in itself and its importance for the psychosocial life of the *Bóe* people. One reason is the displacement of the *Bóe Bororo* educational process from *Báito* to the School.

**Keywords:** *Bái mána gejewu*, Schooling, *Boe* Education

### **Resumen**

El texto forma parte del proyecto de investigación del Máster y destaca la importancia del *Bái mána gejewu*, más conocido como *báito*, en el pasado fue el hogar de los hombres, el lugar de educación de los jóvenes. Otra función de ella fue y es la religiosidad, el espacio para las ceremonias religiosas y festivas en la Comunidad. Las relaciones interétnicas afectaron a los jóvenes en cuanto a su conocimiento de las funciones y significados que el *Bái mána gejewu* encierra en sí mismo y su importancia para la vida psicossocial del pueblo *Bóe*. Una razón es el desplazamiento del proceso educativo *Bóe Bororo* de *Báito* a la Escuela.

**Palabras clave:** *Bái mána gejewu*, Enseñanza, Educación *Boe*.

## **Introdução**

O *Bái mána gejewu*, localiza-se no centro do *bororo* (pátio) e, atualmente, conserva a sua função cerimonialista, sobretudo nas festas de nomeação dos *Bóe* e nos funerais. Tornou-se preocupação da comunidade, uma vez que esse espaço tem se afastado do seu lugar de tradição. Por isso compreender como se deu esse processo de transformação do *Báito*, de seu papel de centro de ensino, centro religioso e centro social é o principal objetivo da pesquisa de mestrado, mas nesse trabalho apresentaremos as intenções da pesquisa.

O projeto de pesquisa surgiu no intuito de fazer um estudo desse fenômeno que é base fundamental para a educação do povo *Boe*. A pesquisa será bibliográfica e de campo. Espera-se encontrar o elo perdido no tempo que é a causa da fragilidade desse processo educacional, jeito de ser e viver do povo *Boe*.

A educação escolar indígena pode ser um espaço importante de difusão do conhecimento das ressignificações que a sociedade indígena *Bóe Bororo* está vivendo. A produção de um trabalho científico para fins didáticos a respeito do *Báito* pode despertar nos estudantes o interesse de conhecer as raízes desse espaço enquanto centro educacional tradicional, templo religioso *Bóe*, lugar de eventos culturais e sociais da cultura tradicional, local de discussões étnico-políticas e espaço de interações e reordenamento socioculturais das relações de parentesco.

A investigação em questão segue as orientações do conhecimento científico para buscar o elo perdido nesse curto espaço-tempo em que a juventude, ao ponto de vista dos idosos e idosas *Boe* se afasta desse lugar que é a memória de vida desse povo. O conhecimento científico descreve a realidade independentemente do olhar das pessoas (pesquisadores), se vale das impressões, da razão e busca o resultado sem desmerecer o processo (GIL, 2008). Nesse caminhar segue os estudos e sua importância para a academia, mas principalmente para o povo *Boe*.

Fazendo analogia com uma árvore, a raiz fica escondida não se mostra, mas está latente por baixo da mãe-terra, porém, é ela a responsável por sustentar a árvore toda. Assim o é *Bái mána gejewu*, o espaço de criar e recriar a vida que traduz sentido no jeito de ser e viver do povo *Boe*.

Desse modo, o projeto tem por objetivo compreender como se deu esse processo de transformação do *Báito* sob o olhar dos jovens, homens e mulheres, até que ponto ele é importante na formação deles enquanto espaço educativo que dá sentidos à relação do povo com seus atos educacionais e vivências de suas práticas culturais e religiosas. Queremos deixar registrado acerca do pronome pessoal, pois ora será tratado “eu”, *Boe*, ora “nós” eu e minha orientadora parceira na construção da minha escrita ou a comunidade conforme o caso.

## **2. A importância do *Bái mána gejewu* na vida do povo *Boe***

Nesse momento trazemos a colaboração do antropólogo Clifford Geertz em seu livro intitulado “O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa” (GEERTZ, 2007). Ele faz uma abordagem interessante para procurarmos interpretar essa questão da transformação do *Báito*. É preciso realizar muitos estudos e conversar entre nós, a comunidade, os jovens e todos e todas que sentem essa transformação aflorada na alma e tem medo de perder esse lugar sagrado. Escrever tudo isso em um texto é um desafio para qualquer pesquisador e para um que vive o drama desse contexto a provocação é maior.

Durante o processo de re-trabalhar um texto, interpretando-o, quando divisórias culturais importantes são atravessadas, produz-se uma sensação diferente de descoberta: sente-se como tivéssemos realmente encontrado algo novo, e não uma lembrança, ou seja, a aquisição e não a herança de alguma coisa. (GEERTZ, 2007, p. 75).

É importante olhar para essas palavras do autor e enquanto *Boe* buscar um distanciamento do que me atinge. As divisórias culturais para nós não são atravessadas, mas vividas por nós. Ela marca nosso jeito de ser, de viver e ver o mundo. Mas enquanto “nativo” procuro algo novo para os conflitos que surgem dentro de mim. E esse algo novo é “descobrir” as causas dessas mudanças e mais do que isso, aceitar que cultura é dinâmica, mas não queremos deixá-la acabar.

É como querer segurar um rio que está agonizando, mesmo sabendo que são práticas humanas desastrosas que são responsáveis por essa ação. O que fazer? Como os conhecimentos já elaborados podem nos ajudar nesses momentos de

angústias e tantas questões sem respostas. Então não queremos que elas fiquem na lembrança, mas viva no cotidiano das práticas vivenciais do povo *Boe*.

A abordagem metodológica é etnográfica, porém inspirada sob o ponto de vista fenomenológico, pois será abordada a realidade da aldeia Córrego Grande e essa realidade é compreendida como o que emerge da intencionalidade da consciência voltada para o fenômeno, no caso a mudança do *Bái mána gejewu*, os sentidos que ele tem para a juventude nesse momento, como é vivido pelas pessoas. (MERLEAU-PONTY, 2006).

Assim sendo, farei um estudo bibliográfico para conhecer um pouco mais esse fenômeno, ouvirei depoimentos das pessoas mais velhas sobre como era o *Báito* quanto eles eram crianças/jovens e como é agora e escreverei estabelecendo as comparações. O texto terá uma descrição densa dos depoimentos para que as riquezas ditas não sejam subestimadas. Para isso utilizarei material eletrônico tais como celulares, gravadores, câmeras de vídeo e fotografias. Isso ao longo dos estudos do Mestrado.

Os estudos buscam sistematizar, a partir de estudos bibliográficos associados a depoimentos de anciãos *Bóe*, quais são as funções, significados e importância do *Bái mána gejewu* na estrutura sociocultural e ambiental da sociedade Indígena *Bóe Bororo*. É importante ler como os antropólogos interpretam nossas vidas. O antropólogo Geertz tomou como referência os estudos de Evans-Pritchard em seus estudos com os Azande, pois bem esse antropólogo escreveu sobre esse povo:

Administram suas atividades econômicas segundo um conjunto de conhecimentos transmitidos de geração em geração, que abrangem tanto a construção e o artesanato, como a agricultura e a caça. Possuem, portanto, um profundo conhecimento prático dos aspectos da natureza que se relacionam com seu bem-estar. (GEERTZ, 2007, p. 121).

A questão é que todo esse conhecimento é visto pela ciência dos não indígenas como saber empírico, incompleto, porque consideram um ensino sem sistematização.

O desafio que enfrentamos como povo indígena vem de várias maneiras e uma delas é questionar essa interpretação. A nossa educação é sistematizada, organizada, planejada e sabe muito bem onde se quer chegar. Que home e mulher

queremos para nossa sociedade. Assim está na hora de mudar essa concepção de que não possuímos um método ou algo dessa natureza que os cientistas afirmam.

Mas por outro lado, ele tem razão, pois administramos muito bem nossos recursos naturais. Pensamos na mãe-terra e em todos os seres que habitam no planeta. Bebemos nessas fontes das ciências antropológicas, filosóficas, sociológicas, enfim em toda fonte que nos auxiliam a pensar em como resolver nossos problemas. Pois bem, sabemos administrar nossas riquezas, nossa cultura, nosso viver.

Mas onde está o problema dessa transformação do *Báito* que vem causando terror nas pessoas idosas? Como sanar essa angústia? Como conviver com a sociedade nacional sem ter perdas profundas? São questionamentos que buscamos a todo instante como se eles nos trouxessem as respostas.

Esse estudo vem, portanto, difundir a cultura tradicional para os estudantes e demais membros da sociedade indígena *Bóe Bororo*. Valorizar a educação tradicional dos *Bóe Bororo* através de estudos sobre as funções, significados e importância do *Bái mána gejewu* como lugar privilegiado da vida sociocultural e espiritual dessa etnia; de modo a produzir um material didático para os estudantes utilizando uma linguagem própria da cosmologia dessa etnia.

Revelar quais são as representações sociais que os *Bóe Bororo* têm do *Bái mána gejewu* e refletir com a Comunidade Escolar e o grupo étnico como um todo quais são os elementos essenciais que estão sendo preservados e que não podem ser abandonados sob pena de perda da identidade étnica. Essa é a intenção dos estudos ao longo do Mestrado, buscar esse conhecimento e registrá-lo é uma preocupação investigativa para que se possa, a partir dele, dialogar com a comunidade sobre quais possibilidades teremos enquanto comunidade em tornar o *Bái mána gejewu*, vivo, cheio de vida com sua força espiritual.

### **3. A força do *Bái mána gejewu* na vida encarnada e no mundo espiritual**

O livro mais completo sobre o *Báito* é, atualmente, a Enciclopédia Bororo, volumes I (1962) e II (1969). Ela aborda questões linguísticas, sociais e mitológicas e

o *Bái mána gejewu* ocupa um espaço importante nessa obra quanto ao objeto deste trabalho. Outro livro importante foi escrito por Bordignon (2001), denominado *Róia e baile* – uma mudança na cultura Bororo, onde o autor faz várias abordagens a partir de depoimentos de anciãos *Bóe*. Isaac escreveu sobre alguns impactos que a presença da escola provocou na mudança de lugar da educação dos *Bóe Bororo*, cujos artigos estão publicados no site do autor ([www.pauloisaac.com](http://www.pauloisaac.com)).

Além disso, em *Drama da Educação Escolar Indígena Bóe Bororo* (2004) o autor revela as tensões étnicas causadas pela política governamental introduzida a partir de 1995 em Mato Grosso, por meio do Projeto Tucum. No livro *Irmã Maria Cibaibo Ossemer – uma missionária franciscana entre os índios Bóe Bororo de Mato Grosso* (2018) o autor narra a experiência de contato vivido pelos *Bóe* da Aldeia Indígena Korogedo Paru na questão da educação escolar e demonstra a ascensão dos jovens estudantes como lideranças da Sociedade.

A Enciclopédia (1962) confirma o pensamento do povo *Boe* o sentido e a força do *Bái mána gejewu* na vida encarnada e no mundo espiritual torna-se mais intenso quando a aldeia se encontra de luto e isso ocorre quando o corpo de um *Boe* é enterrado no pátio da aldeia (*bororo*). Não há um período certo, quantos dias o corpo permanecerá enterrado nesse lugar, uma vez que o ritual funerário dos *Boe* passa por algumas etapas até o momento fúnebre em que os *Boe* tem um sentimento forte do destino da alma depois de separada do corpo: ao reino dos mortos (ALBISETTI e VENTURELLI, 1962).

O ritual do funeral do povo *Boe* é longo e merece um destaque de igual dimensão o que não é objetivo desse texto, porém ressaltar que há uma interligação na vida do corpo encarnado com o mundo espiritual. Dois mundos em diálogo com a vida e educação desse povo.

Como pessoa *Boe* conheço um pouco essa problemática debatida. Em um passado recente, aproximadamente até a década de 1980, as crianças e os jovens eram educados no ambiente familiar e no centro da aldeia pelos seus padrinhos e tios mais velhos. O lugar da educação era o *Báito*, chamado *Bái mána gejewu*. Naquela casa central circundada pelas casas dos clãs, eles aprendiam tudo sobre suas famílias, cultura, religião, relações de trabalho, os segredos da floresta, as práticas cerimoniais, as obrigações sociais e as relações de parentesco. Hoje o lugar

do conhecimento deslocou-se para a Escola e nela privilegia-se o conteúdo escolar exigido pelo Estado Brasileiro que não condiz com a cosmologia Bororo.

É por isso que devemos lembrar das palavras de Paulo Freire: a educação é um ato político. “Não é possível pensar a escola, pensar a educação, fora da relação de poder; quer dizer, não posso entender a educação fora do problema do poder, que é político” (FREIRE, 2013, p.40). É fundamental para os educadores *Boe* pensar essa relação de poder e o pensamento da sociedade ocidental. Não se pode deixar a cultura escolar dominar a cultura do povo *Boe*. Enquanto educador e educadora da cultura *Boe* é necessário pensar nessa questão da política.

Na medida em que o educador é um ser político, ele tem que ter uma relativa clareza, pelo menos com relação à sua opção política, o que vale dizer que ele precisa se perguntar: em favor de quem eu trabalho em Educação, em favor de quê, ou em outras palavras, qual é o meu sonho enquanto educador. [...] qual é a minha opção, qual é o meu compromisso. (FREIRE, 2013, p.40).

Nesse sentido, como educador *Boe* a preocupação não é a minha individual e sim coletiva. É urgente colocar na discussão o lugar do *Bái mána gejewu* como espaço educativo do povo *Boe*. Na posição de educador tenho clareza a favor de quem devo trabalhar e o meu sonho e compromisso atual é colocar o *Báito* em seu lugar, trazer para a ação o seu desempenho educativo da transmissão oral para dar continuidade à cultura do povo *Boe*.

A substituição do ensino oral pelo escrito está tendo grande impacto na formação dos jovens. Isso posto pela força da cultura escolar querer dominar todas as outras culturas. Recuperar os conhecimentos tradicionais é um grande desafio para os professores e este trabalho vai ao encontro dessa problemática. O antropólogo Gersen da etnia *Baniwa* diz:

O reconhecimento da cidadania indígena brasileira e, conseqüentemente, a valorização das culturas indígenas possibilitaram uma nova consciência étnica dos povos indígenas do Brasil. Ser índio transformou-se em sinônimo de orgulho identitário. Ser índio passou de uma generalidade social para uma expressão sociocultural importante do país. Ser índio não está mais associado a um estágio de vida, mas à qualidade, à riqueza e à espiritualidade de vida. (LUCIANO, 2006, p. 38).

As conquistas obtidas nos registros das legislações existentes, dentre elas a Constituição Federal de 1988, traz direitos aos povos indígenas para viver do seu



jeito educacional, suas culturas e religiosidades. Uma educação escolar que seja respeitosa e some [do verbo somar, juntar, acrescentar] com a educação indígena. É essa ação educativa que busco enquanto educador *Boe* e como professor que assume uma escolarização respeitosa, mas para isso é necessário que valorize o *Báito* como lugar educativo.

Ao assistir o filme “Escolarizando o mundo” nas aulas do Mestrado todos nós, indígenas ficamos afetados por sentir na pele o que aquele povo passou e passam até hoje. O filme, mostra de um modo chocante a globalização moderna da escolarização e o impacto que ela causa na cultura dos povos. Os depoimentos das idosas que dizem ter que ficar sozinhas que seus filhos sejam “educados”.

A pintura simbólica da deusa do “Progresso Americano”, mostra com clareza os colonos a seguindo e os nativos fogem dela. Os animais também correm dela, pois sabem que vem a destruição dos seus habitats. Esse tipo de ensino que leva a juventude a querer o “ter” acima do “ser”. A materialidade acima da espiritualidade. Esse filme nos tocou profundamente a alma, pois mostra de um jeito esclarecedor o quanto a cultura escolar é poderosa, por isso mesmo precisamos dela, mas como aliada do nosso conhecimento só assim poderemos pensar em como buscar a solução para trazer de volta o nosso *Báito: Bái mána gejewu* considerando o movimento das culturas entrelaçadas a nossa, mas respeitando nossos conhecimentos.

### **Considerações Finais**

Esse trabalho faz-se necessário para que os jovens tomem conhecimento do papel do *Báito* na vida social do povo *Bóe*. Por meio do que for escrito e publicado, as pessoas *Bóe* poderão despertar sobre a importância da educação das crianças em espaços distintos sem sobrepôr a escola ao *Bái mána gejewu*.

A partir dessa pesquisa as pessoas, a juventude e as crianças podem ver o *Báito* como possibilidade educacional a desenvolverem suas personalidades de modo integral e buscar a vida, o bem viver do povo *Boe*. Esse é o propósito deste pesquisador, pois considero que, como membro dessa sociedade, precisamos obter

melhores conhecimentos e fortalecer os saberes dos Bóe, a fim de sermos felizes e aprender a nos defender dos malefícios da sociedade envolvente.

Essa é uma pesquisa possível de ser realizada com sucesso porque moro e sou professor em uma Aldeia Bóe Bororo, sou falante da língua Bóe, participo dos eventos no *Báito* desde a minha infância, conheço todas as pessoas da Comunidade e tenho acesso fácil à bibliografia sobre o assunto.

## Referências

ALBISETTI, C. e VENTURELLI, A. J. **Enciclopédia Bororo. v. I – vocábulos e Etnografia**. Campo Grande-MS, Museu Regional Dom Bosco, 1962.

\_\_\_\_\_. **Enciclopédia Bororo. v. II – Lendas e antropônimos**. Campo Grande-MS, Museu Regional Dom Bosco, 1969.

BORDIGNON Enawuréu, Mário. **Róia e baile – mudança cultural Bororo**. Campo Grande-MS, UCDB, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. Organização, apresentação e notas Ana Maria Araujo Freire. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2013.

GEERTZ, Clifford. **O Saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Editora Atlas, S. A, 2008.

ISAAC, Paulo A. M. **Drama da Educação Escolar Indígena Bóe Bororo**. Cuiabá-MT, EdUFMT, 2004.

\_\_\_\_\_. **Irmã Maria C. Ossemer – uma missionária franciscana entre os índios Bóe Bororo de Mato Grosso**. Cuiabá-MT, EdUFMT/Carlini & Caniato, 2018. Site: [www.pauloisaac.com/nossaspublicações](http://www.pauloisaac.com/nossaspublicações).

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

Recebido: 13/10/2020

Aprovado: 30/01/2021

Publicado: 30/06/2021